

# CARACTERÍSTICAS E DETERMINANTES DA MIGRAÇÃO PARA O CENTRO OESTE BRASILEIRO NOS ANOS DE 1995 E 2015

## DETERMINANTS OF MIGRATION FOR MIDWEST BRAZIL IN THE YEARS OF 1995 AND 2015

*Julia Mendes Campos*

 <http://lattes.cnpq.br/3525878538605470>

Graduanda em Ciências Econômicas Universidade Federal de Viçosa

*Vinícius de Oliveira Pinto*

 <http://lattes.cnpq.br/9049711376152713>

Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa.

*Francisco Carlos da Cunha Cassuce*

 <http://lattes.cnpq.br/0648788156222081>

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa, mestrado em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa e doutorado em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa. Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Viçosa.

### **Resumo:**

Considerando as mudanças ocorridas na sociedade e economia brasileira entre os anos de 1995 e 2015, este trabalho teve como objetivo explicar os determinantes da migração para o Centro-Oeste brasileiro nesses dois anos. Para tal, foi estimado modelos de escolha qualitativa, Logit, que fornecem como resposta a probabilidade de pessoas de referência em suas famílias migrarem para o Centro-Oeste. Os resultados não indicam, de maneira geral, diferenças significativas entre os migrantes nos dois anos analisados, apontando que as motivações para a migração podem ter se alterado no tempo. Em 1995 as pessoas se deslocavam em direção ao Centro-Oeste em busca de um meio de sobrevivência, enquanto que em 2015, os objetivos poderiam ser a melhora na qualidade de vida e da renda.

**Palavras-chave:** Migração; Centro-Oeste; Logit.

### **Abstract:**

Considering the changes that occurred in the Brazilian society and economy between the years 1995 and 2015, this work aimed to explain the determinants of migration to the Brazilian Midwest in these two years. To this end, it was estimated models of qualitative choice, Logit, which provide as an answer the probability of people of reference in their families migrating to the Midwest. The results do not, in general, indicate significant differences between migrants in the two years analyzed, they may indicate that the motivations for migration may have changed over time. In 1995 people moved towards the Midwest in search of a means of survival, while in 2015, the objectives could be to improve the quality of life and income.

**Keywords:** Migration, Midwest, Logit.

## INTRODUÇÃO

A Região Sudeste, por muitos anos, foi o grande destino dos brasileiros que buscavam emprego e melhores condições de vida. Entretanto, tem-se percebido uma mudança de direção, mesmo que incipiente, no vetor do migrante, ou seja, uma alteração proporcional na origem e destino dos migrantes. As demais regiões brasileiras, em especial a Região Centro-Oeste, vêm apresentando atrativos capazes de seduzir boa parte da população. Em paralelo a esse movimento, mudanças no perfil do migrante também poderiam estar ocorrendo. Considerando que o Sudeste brasileiro ainda continua sendo o grande centro econômico do país, é importante explicar e compreender a provável mudança no comportamento no migrante brasileiro.

A relevância de estudar os movimentos migratórios ganha destaque pelo seu impacto social e econômico, uma vez que serve de termômetro para avaliar regiões que estão apresentando baixos indicadores sociais e econômicos. Além de comprovar a forte desigualdade existente no país, o estudo da migração pode colaborar para a formação de políticas públicas e antever eventuais desequilíbrios populacionais.

Myrdal (1972 apud De Queiroz, 2011) afirmou que os movimentos migratórios, principalmente, as migrações internas, tem origem nas desigualdades entre regiões. Com isso, os fluxos migratórios apresentam a tendência de seguir as transformações da dinâmica econômica já que, em geral, os migrantes procuram se deslocar para as áreas mais industrializadas detentoras de maiores oportunidades de emprego, diante das desigualdades regionais, que caracterizam o sistema capitalista de produção.

Porém não são apenas as questões financeiras levadas em consideração na decisão de migrar. Carvalho (2010) indica que o migrante brasileiro busca a melhoria em sua qualidade de vida e de seus familiares, podendo considerar também a existência de laços familiares e oportunidades de estudar em escolas públicas de qualidade a um baixo custo.

Já de acordo com Santos Júnior, Menezes Filho e Ferreira (2003), os migrantes seriam positivamente selecionados em relação à população. Isso significa que os migrantes atraídos por uma região possuiriam maiores níveis de escolaridade e seriam mais jovens que a média, portanto, mais qualificados. Para ratificar esse fato, os autores mostram, baseados em dados da PNAD de 1999, que no Brasil, os migrantes ganham, em média, mais que os não-migrantes, são mais produtivos e se deslocam de locais mais pobres, o que pode agravar a desigualdade de renda inter-regional. Ainda afirmam que não há relação entre migração e raça

e que, ao contrário do esperado, os homens não possuem maior propensão a migrar que as mulheres.

Tratando dos fatores de repulsão, Lisboa (2008) afirmou que estes estão relacionados ao local de origem e são formados por um grupo de características capazes de dificultar a vida, repelindo a população e conduzindo-os a migrar. A decisão pela migração pode estar associada a diferentes aspectos vivenciados no local de origem e a uma expectativa de melhoria no local de destino, com ação conjunta de fatores de atração e de repulsão.

Além disso, a migração pode envolver o efeito feedback ou de realimentação, efeitos de especialidade e os efeitos de defasagem. Existe também o fluxo pioneiro que tende a gerar um fluxo secundário, no qual as famílias que migram na frente formam uma base de atração para membros com alguma vinculação. Grupos próximos às fronteiras também seriam mais facilmente atraídos.

Fazendo um breve apanhado histórico do movimento migratório no Brasil, entre 1930 e 1950, pode-se notar que, a consolidação da industrialização tornou as regiões mais industrializadas atrativas para a migração rural-urbana. Nesse contexto, a região Sudeste brasileira se transformou no principal ponto de destino no país, especialmente da população nordestina que enfrentava uma grande seca. Também nesse período, foram criadas políticas sociais relacionadas à saúde pública, previdência e educação básica, reforçando o movimento de migração para as cidades, em especial para as do sudeste brasileiro. No fim da década de 1960 surgiu o movimento de desconcentração industrial, que teve mais ênfase na década de 70, afetando a migração na década de 1980 (PATARRA, 2003).

A década de 1980 foi definida como a de maior transformação nas características, fluxos e volumes da migração. Nas regiões metropolitanas, que nos anos 70 receberam altos contingentes de migrantes, formou-se uma população de mão de obra precária e pouco produtiva. Esse contingente de trabalhadores - pouco qualificados - foram atingidos pela crise econômica vivenciada nos anos 80, restando-lhes duas alternativas: permanecer na metrópole com a esperança de conseguir um novo emprego, mesmo que no mercado informal; ou migrar para uma nova região. A partir de então surge uma nova modalidade de migração, a de retorno.

Já no século XXI, o arrefecimento da atividade econômica no Sudeste, bem como a estagnação econômica e a descentralização industrial, conduziram à urbanização nas demais regiões brasileiras e a expansão de novas fronteiras agrícolas no país, abrindo espaço para o aumento da migração para outras regiões, como o Centro-Oeste, que tem se tornado polo de atração de migrantes (NUNES, 2017).

Esses movimentos, intensificados, principalmente, a partir da década de 1990, conduziram, como descrito anteriormente, a uma mudança, mesmo que incipiente, nos destinos dos migrantes no Brasil. O Sudeste deixou de ser a única região atrativa. Nesse período, ganha destaque o movimento de migrantes para a região Centro-Oeste, pois juntamente com a região Norte, se trata da região que mais cresceu economicamente no período pós 1990, de acordo com dados disponibilizados pelo IPEA (2020).

Oliveira e Oliveira (2011) afirmam que, no Brasil, o volume da migração inter-regional envolveu 3,3 milhões de pessoas entre os anos de 1995 e 2000, 2,8 milhões de pessoas de 1999 a 2004 e 2 milhões de pessoas de 2004 a 2009, indicando uma queda nos deslocamentos inter-regionais. Dentro destes deslocamentos inter-regionais destaca-se a migração para o Centro-Oeste. Com base na PNAD de 2009, o Saldo Líquido Migratório (SML) (número de imigrantes subtraído do número de emigrantes) dessa região foi de 136.590, sendo o maior do país, acompanhado da região Sul com SML de 98.853. As demais regiões apresentaram saldo negativo, ou seja, o Sudeste perdeu 12.415 pessoas, o Nordeste e o Norte perderam, respectivamente, 187.869 e 35.159 pessoas (Oliveira e Oliveira, 2011). Analisando ainda dados da PNAD de 2015, verificou-se que 23,95%, 13,13%, 16,21% e 16,33% do total de nascidos nas regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul, respectivamente, residiam no ano de 2015, na Região Centro-Oeste do país.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), a região Centro-Oeste possuía uma população de 14.058.094 pessoas, o que representa 7,4% da população brasileira. De acordo com o trabalho de Neto e Gomes (2000), a participação no total do PIB nacional em 1960 era de 2,45%, alcançando, em 1996, 7,45%. Segundo relatório do IBGE sobre as Contas Regionais de 2014, a participação percentual do PIB brasileiro dessa região, neste ano, foi de 9,4%. Ainda neste relatório, a região Centro-oeste foi destaque em crescimento e volume acumulado, com todos os estados crescendo 16,3% no período de 2010 a 2014, acima da média brasileira. O PIB *per capita* dessa região foi de R\$ 35.653,48 em 2014, sendo o segundo maior do país, atrás apenas da região Sudeste, que foi de R\$37.298,57.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi identificar e analisar as principais características dos indivíduos que migram para o Centro-Oeste, realizando uma comparação entre 1995 e 2015, e traçando um perfil do indivíduo que tem como destino o Centro-Oeste brasileiro.

Os anos de 1995 e 2015 foram escolhidos para serem estudados, pois refletem dois momentos economicamente diferentes do Brasil. Em 1995, ano seguinte a implementação do Plano Real, o país estava iniciando a estabilização monetária, indicando uma melhora

econômica. No ano de 2015, passados vinte anos, o Brasil se apresenta como uma economia com instituições sólidas que enfrentou diversas transformações econômicas e sociais, com destaque para a redução das desigualdades entre as regiões. Ao trabalhar com os dois anos é possível uma análise de estática comparativa capaz de indicar os principais atrativos para a migração direcionada para a região centro-oeste brasileira.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Fatores como o gênero, a idade, a escolaridade, o local de origem, os rendimentos esperados, se o indivíduo possui filhos ou não, bem como a renda média dos locais de origem e de destino, aparecem como os principais argumentos da tomada de decisão de migrar.

Ravesteein (1885) realizou um dos primeiros estudos sobre a migração. Utilizando dados do Censo Britânico de 1881, o autor descreveu algumas “leis da migração”, chegando às seguintes conclusões: o elemento que mais motiva o movimento de migração é a procura por mão de obra nos grandes centros industriais, conduzindo os migrantes em busca de melhor situação financeira; grande parte dos migrantes realiza apenas deslocamentos de curta distância, pois aqueles de longa distância optam normalmente pelos grandes centros comerciais; os nascidos em cidades tendem a migrar menos que os nascidos no campo; e as mulheres migram mais que os homens, porém elas realizam migrações mais curtas e dentro do país de origem, enquanto os homens tendem a migrar para outros países.

Baseando-se na exposição de Ravesteein (1885), Lee (1966), conhecido por ter uma abordagem mais “sociológica”, afirma que as regiões possuem fatores de atração (*pull*) e fatores de repulsão (*push*). Os primeiros seriam os contatos interpessoais; sistemas de informação que o indivíduo possui no local de destino dos migrantes; a necessidade de o sujeito sair da pobreza e; a perspectiva de obter rendas elevadas ao migrar. Já os fatores de repulsão estariam ligados aos obstáculos que o indivíduo deveria vencer para migrar, bem como aos aspectos econômicos, sociais e políticos, relacionados aos custos de migração e às características intrínsecas ao indivíduo. O autor ainda destaca que a migração tende a ocorrer somente em certas etapas do ciclo de vida do indivíduo e que o migrante tende a ter características intermediárias da população do local de origem e da população do local de destino. Isso significa que os migrantes devem apresentar similaridades com a população do destino, mas que sempre mantêm características do local de origem, ficando, nesse sentido, em uma posição intermediária.

Os modelos de Harris e Tadoro (1970) e de Sjaastad (1962) fazem parte da Teoria Neoclássica da Migração e propõem um avanço em relação à teoria tradicional. Segundo os autores, os indivíduos são racionais e possuem informação perfeita sobre os diferenciais de renda de sua região e de outras. Levam em consideração, na decisão de migrar, os custos e os retornos advindos da migração, considerando o salário que irão receber e os custos advindos do seu movimento. Escolhem também locais onde suas habilidades pessoais possam ser mais produtivas. Assim os indivíduos migram de regiões onde os salários são mais baixos para os locais onde os salários são maiores (Santos, et. al. 2010).

Outra corrente teórica, conhecida como “Novos Economistas da Migração do Trabalho”, parte do pressuposto que o indivíduo não toma a decisão de migrar isoladamente, mas leva em conta o domicílio ou o conjunto de pessoas que está de alguma forma ligado a ele. Assim o foco da análise muda do indivíduo para o domicílio. Os autores que defendem esta teoria, Stark e Bloom (1985) ressaltam que a decisão de migrar é por vezes tomada pelo migrante em conjunto com um grupo de não migrantes. Os custos e retornos são divididos de acordo com um arranjo contratual que irá refletir o poder de barganha das partes envolvidas. Também deve ser destacado que o indivíduo age coletivamente visando não apenas maximizar os ganhos, mas também diminuir seus riscos. Neste sentido, o agir coletivamente trata-se de um acordo entre os integrantes migrantes da família e os que, a princípio, não teriam o interesse em migrar, de maneira que os ganhos coletivos dos membros da unidade familiar superem as perdas.

Outro trabalho a ser destacado é o de Stark e Taylor (1989), no qual a decisão de migrar é influenciada considerando a renda relativa e a absoluta. Os potenciais ganhos na renda absoluta através da migração desempenham um papel importante na decisão de uma família migrar. Para os autores, os grupos familiares comparam sua posição social, no contexto que vivem, com a de um grupo de referência, que inclui as demais famílias com as quais convive. Sendo assim, os grupos familiares enviam seus membros para localidades onde o retorno potencial do movimento migratório é grande o suficiente para alterar a posição social do domicílio.

Mudando o foco da abordagem para trabalhos que relacionam a migração à educação, Bound e Holzer (1996) mostram que, trabalhadores com menor grau de escolaridade, ao migrar, tem menos informações sobre as oportunidades alternativas em outras áreas, menos contatos sociais em áreas de crescimento e maiores dificuldades de financiar os custos da migração. Corroborando com esta ideia, Bascker (2002) salienta que a propensão a migrar

aumenta com a educação e a probabilidade de uma pessoa migrar com um emprego já garantido também aumenta com a educação.

Ao tratar especificamente da migração no Brasil, Patarra (2003) afirma que o principal determinante da migração no país são os desequilíbrios do desenvolvimento econômico regional, onde centros mais desenvolvidos economicamente atraem a população de regiões que não são. Para Justo e Neto (2008), as diferenças entre o perfil dos indivíduos migrantes e não migrantes estão relacionadas à sua região de destino, concluindo que no período de 1980 a 2000, o migrante brasileiro apresentou um perfil diferente do não migrante: possuía maior escolaridade, era mais jovem, usualmente do sexo masculino e tinha maior probabilidade de sua região de origem ser uma unidade federativa em condição social relativamente precária.

Ainda sobre o migrante brasileiro, Sachsida (2009) e Golgher (2004) afirmaram que o perfil dos indivíduos mais propensos a migrar são mais jovens e mais escolarizados. Sachsida (2009) concluiu que raça e gênero não parecem ser fatores decisivos para migrar. Já Golgher (2004) afirma que os indivíduos com maiores rendas, menos filhos e recém-casados são mais propensos a migrar que os solteiros, ao passo que os indivíduos casados a mais tempo são menos propensos a migrar que os solteiros.

## **METODOLOGIA**

Considerando a importância de investigar os principais determinantes da migração para a Região Centro-Oeste do Brasil, trabalhou-se com a migração como sendo a ocorrência de um evento, ou seja, a constatação de que um determinado indivíduo teria migrado para o Centro-Oeste concretizaria a ocorrência do fenômeno estudado. Diante disso, optou-se por utilizar modelos de escolha qualitativa que têm como resposta justamente a probabilidade de ocorrência de um evento.

Para isso, trabalhou-se com as informações da pessoa de referência dos domicílios, acreditando que, embora a pessoa de referência<sup>1</sup> leve em consideração as opiniões dos demais membros do domicílio, ela é a responsável pela tomada de decisão.

As variáveis foram extraídas da PNADs dos anos de 1995 e 2015. O modelo de migração foi definido com base em trabalhos anteriores e será estimado para os anos de 1995 e 2015. Sua equação de probabilidade é apresentada na equação (1):

---

<sup>1</sup> De acordo com o IBGE (2020), nos levantamentos da PNAD a pessoa de referência é a responsável pela família ou que assim é considerada pelos demais membros da família.

$$P(Y_i = 1) = \frac{1}{1 + e^{(\beta_0 + \beta_1 G_i + \beta_2 R_i + \beta_3 I_i + \beta_4 EC_i + \beta_{5l} ESC_{li} + \beta_6 CF_i + \beta_7 RPC_i + \beta_8 DR_i + \beta_9 SC_i)}} \quad (1)$$

Onde,  $P_i$  é a probabilidade de o indivíduo migrar para o Centro Oeste (CO) condicionada às demais características do indivíduo. A ocorrência do evento, migração, acontece quando este assume valor um. Caso contrário, a variável migração ( $Y_i$ ) assume valor zero. Migrante foi definido como o indivíduo que reside no Centro Oeste a pelo menos cinco anos, porém não nasceu nesta região. A pessoa não migrante é aquela que nasceu em uma região que não a CO e ainda reside na mesma.

Os  $\beta_m$ , com  $m=0, 1, 2, \dots, 10$ , são parâmetros a serem estimados pela função de regressão logística;  $G_i$  é uma variável *dummy*, que assumirá o valor 1 caso o indivíduo de referência seja do sexo masculino e zero caso contrário (c.c.);  $R_i$  é uma variável binária, que assumirá valor 1 caso o indivíduo de referência seja branco ou amarelo e zero c.c.;  $I_i$  representa a idade da pessoa;  $ESC_{li}$  ( $l=2,3,4$ ) é composta por um conjunto de três *dummies* representando o nível de instrução mais elevado alcançado pelo indivíduo:  $l=2$  assumirá valor igual a 1 caso o indivíduo apresente como nível mais elevado de instrução, o ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto; no caso de  $l=3$ ,  $ESC_{3i}$  assumirá valor 1 caso a pessoa possua o ensino médio ou superior incompleto; para  $l=4$ , será considerado valor igual a 1 caso o indivíduo possua o ensino superior completo; o caso em que o indivíduo se declare sem instrução ou tenha fundamental incompleto foi admitido como categoria base.

A variável  $EC_i$  representa o estado civil. Assim,  $EC_i=1$  caso o indivíduo seja casado e zero c.c. A presença de criança na família é captada pela variável  $CF_i$ , que assume valor 1 caso a família tenha uma criança menor de 14 anos e zero c.c. A renda domiciliar *per capita* é representada por  $RPC_i$ . Para captar o diferencial de rendimento entre a renda na região de destino e a renda da região de origem foi inserida no modelo a variável  $DR_i$ . Em termos locacionais foi inserida a variável  $SC_i$ , assumindo valor 1 para pessoas que moram em áreas urbanas e valor zero c.c.

Em relação ao efeito das variáveis do modelo, espera-se que a idade, a presença de crianças pequenas na família e o fato de o indivíduo ser casado afete negativamente a probabilidade de migrar. No que se refere à escolaridade, ao rendimento familiar *per capita*, ao diferencial de renda da região de destino para a região de origem da pessoa de referência e a residência em área urbana, espera-se encontrar um efeito positivo sobre as chances de a pessoa migrar para o Centro-Oeste. As variáveis de gênero e cor não apresentariam, *a priori*, sinal definido.



Para avaliar o ajustamento do modelo, foi utilizada a Curva de Roc (Receiver Operating Characteristic). Segundo Fávero et al (2014), modelos que apresentem área abaixo da Curva ROC superior a 0,70 estariam classificados como bons modelos de previsão e modelos com valores acima de 0,80 apresentariam excelente poder discricionário, ou seja, maior eficiência global de previsão. Na análise trabalhou-se apenas com as informações relativas aos indivíduos declarados como pessoa de referência nos domicílios. Além disso, é importante salientar que a equação (1) foi utilizada para definir efeitos marginais e razões de probabilidades, facilitando a interpretação dos resultados.

Na definição da amostra foi necessário excluir os indivíduos que nasceram no CO e residem em outras regiões e indivíduos que nasceram no CO e ainda residem nesta região. Isto foi feito com o intuito de utilizar apenas os indivíduos que estão indo em direção ao CO. Também foram excluídos os indivíduos que nasceram em outras regiões, e migraram para regiões diferentes do CO, uma vez que o perfil que interessa para o trabalho é apenas dos indivíduos que migraram em direção ao CO. Retirou-se também os indivíduos que não moravam a mais de cinco anos na localidade e não eram nascidos na mesma.

Além disso, foram retirados indivíduos que possuem renda principal inferior a um salário mínimo, para 1995 (R\$100,00) e para 2015 (R\$788,00) e indivíduos com renda superior a R\$10.000,00 em 1995 e R\$20.000,00 em 2015. Esse corte foi feito, seguindo uma indicação semelhante de Hoffmann e Ney (2008). Ao se excluir pessoas muito pobres e muito ricas se obtém um conjunto de informações mais coerentes e homogêneas sobre as características da distribuição de renda, de forma que as medidas não sejam subestimadas, garantindo coerência e precisão das informações. Em seguida foi criada a variável chamada renda da região, que é a renda média do CO. A variável renda da região de origem foi criada utilizando o rendimento *per capita* da unidade de federação de nascimento do indivíduo. Estas duas variáveis foram criadas com o intuito de serem utilizadas para criar o diferencial de renda, que é a renda do CO menos a renda da região de origem.

## **RESULTADOS e DISCUSSÕES**

Ao se analisar os dados referentes à migração para o Centro Oeste (CO), na Tabela 1, pode-se perceber que houve um aumento do percentual de migrantes, de 1,47% em 1995 para 3,21% em 2015. Esse aumento pode ser justificado, de acordo com Nunes *et. al.* (2017), devido à expansão da sua fronteira agrícola, seguido do incremento de atividades industriais. Sucedeu-se um aumento na geração de empregos nesta região e, conseqüentemente, o crescimento da atratividade migratória.

Outro dado importante de ser avaliado é o de indivíduos do sexo masculino. Apesar da porcentagem ter decaído de 1995 para 2015, a maioria dos migrantes ainda é do sexo masculino. Uma possível explicação para esta alta porcentagem é de que foram utilizados apenas indivíduos de referência. Segundo Pinheiro *et. al.* (2009), em 1995, 77,1% dos lares brasileiros eram chefiados por homens. Já em 2015 essa porcentagem cai para 59,5%, demonstrando que, apesar do aumento da participação feminina nos lares, ainda há predominância dos homens declarados como pessoa de referência.

Em relação à idade, pode-se dizer que a mesma não se altera significativamente de um ano para o outro e, comparando migrantes e não migrantes em ambos os anos, o migrante é mais jovem. Tanto o resultado da idade quanto o resultado do sexo corroboram com o trabalho de Justo e Neto (2008), que define os migrantes brasileiros como sendo, preponderantemente, do sexo masculino e mais jovens que os não migrantes. Em específico para idade, estes autores afirmam que quando o destino é o CO indivíduos na faixa de idade dos 30 anos tem sua probabilidade de migrar aumentada.

O número de indivíduos casados diminuiu drasticamente, considerando os anos analisados, assim como a taxa de indivíduos que possuem pelo menos um filho menor de 14 anos. Novamente estes resultados encontrados para o ano de 1995 vão ao encontro do trabalho de Justo e Neto (2008). Os autores afirmam que, na década de 90, o migrante que buscava como destino o CO tinha suas chances de migrar aumentadas sendo casado e possuindo filhos.

**Tabela 1** - Percentual Sexo Masculino, Idade Média, Casado, Renda per capita média e possui criança menor de 14 anos de migrantes e não migrantes.

Ano	Categoria	Percentual	SM	IM	Casado	MAE	C14	RPM
1995	Migrante	1,47%	82,47%	34,27	71,13%	6,68	79,38%	R\$610,13
	Não Migrante	98,53%	86,69%	41,93	81,02%	6,10	80,21%	R\$657,02
2015	Migrante	3,11%	77,97%	33,52	12,69%	9,19	47,43%	R\$849,78
	Não Migrante	96,89%	72,96%	44,79	11,49%	9,34	46,26%	R\$993,00

**Nota:** Os dados monetários foram deflacionados pelo o IPCA, tendo como base o ano de 2015; SM-sexo masculino; IM-idade média; MAE-média de anos e estudo; C14- possui criança com idade menor de 14 anos; RPM-renda *percapita* média

**Fonte:** Elaborado com base nos dados das PNAD's 1995 e 2015.

Trabalhos mais recentes, como o de Gama e Machado (2014), que estudam a migração no período intercensitário de 2000-2010, mostram que houve uma redução do percentual de pessoas casadas em contraposição ao aumento de solteiras. Ademais, o aumento do número de indivíduos solteiros coincide com a queda do número médio de pessoas por domicílio. Dada esta diminuição do número de moradores por domicílio e o aumento da renda domiciliar, pode-se explicar o aumento da renda domiciliar per capita, resultado encontrado para o ano de 2015. A queda do número médio de pessoas por domicílio também justifica a diminuição do número de indivíduos que possuem uma criança menor de 14 anos, uma vez que ter menos pessoas por domicílios estaria correlacionado com o fato de os indivíduos terem menos filhos.

Comparando a renda média *per capita* de migrantes e não migrantes, pode-se perceber que não há um diferencial muito significativo, Golgher (2006), analisando os estados do Centro Oeste, concluiu que para esta região o rendimento de migrante e não migrantes é de fato muito próximo. É interessante destacar que a renda real média variou relativamente pouco, comparando o intervalo de vinte anos.

Importante destacar que, na média, migrantes e não migrantes possuem, para os dois anos, praticamente o mesmo número de anos de estudo, o que contraria a literatura clássica de que migrantes seriam mais aptos que os não migrantes. O aumento de anos de estudo de 1995 para 2015 se deve à mudança de composição da população brasileira durante este período, onde o grau de escolaridade da população como um todo se elevou.

A partir da Tabela 2, pode-se verificar que houve pequenas mudanças na região de origem dos migrantes no Centro Oeste. Em ambos os anos, o Nordeste e o Sudeste, foram às regiões que mais migraram para o Centro Oeste. A diferença ocorreu apenas no Norte e no Sul. Em 1995, indivíduos nascidos no Norte foram os que menos migraram para o Centro Oeste e, em 2015, indivíduos que nasceram no Sul foram os que menos migraram para o Centro Oeste. De maneira geral, de acordo com Justo e Neto (2008), a maior parte dos migrantes brasileiros tem como região de origem uma Unidade Federativa em condição social relativamente precária, como é o caso dos estados do Nordeste e Norte e de algumas localidades do Sudeste. Porém, segundo Sachsida (2009), a baixa porcentagem de migrantes do Norte e do Sul pode ser explicada pelo fato de que a maior parte do fluxo migratório originado nos estados dessas regiões fica restrita aos próprios estados das regiões.

**Tabela 2** - Distribuição dos Migrantes de acordo com a Região de Origem

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul
1995	9,27%	36,08%	36,08%	18,55%
2015	14,74%	51,92%	22,43%	10,89%

Fonte: Elaborado com base nos dados das PNAD's 1995 e 2015.

A diferença de renda entre a região de destino, o Centro Oeste, e as regiões de origem (Tabela 3) podem ser explicadas, de acordo Santos Junior *et.al.* (2003). O fluxo migratório no Brasil, em geral, ocorre dos estados com menor renda *per capita* para os estados com maior renda *per capita*. Isto se aplica para regiões como o Norte e o Nordeste, mas no caso do Sudeste e no Sul, onde a renda na região de origem é maior, a diferença da renda é negativa, sendo assim os indivíduos dessas regiões viriam em busca de oportunidades de emprego.

O diferencial de renda não foi muito expressivo em 1995, o que se aplica uma vez que esse período ainda sofriam os efeitos das crises econômicas internacionais e o fim do processo de industrialização da década de 1980, favorecendo as migrações de curta distância e intra-regional, onde o indivíduo não buscava a melhoria das condições de vida, mas sim a oportunidade de emprego (BIAGIONI, 2012). O cenário econômico muda no Brasil, principalmente a partir de 2002, o que faz com que a migração seja motivada pelos aumentos da renda do indivíduo.

**Tabela 3** - Diferencial de renda entre a Região CO e a Região de Origem do Migrante

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul
1995	-R\$12,86	R\$22,24	-R\$8,86	-R\$12,33
2015	R\$45,79	R\$82,31	-R\$63,05	-R\$70,79

Nota: Os dados foram deflacionados pelo o IPCA, tendo como base o ano de 2015.

Fonte: Elaborado com base nos dados das PNAD's 1995 e 2015

Outro dado que deve ser destacado é que os indivíduos que migram do Sudeste e Sul para o Centro Oeste são mais escolarizados para ambos os anos. Porém, aqueles nascidos na região Norte possuem, em média, mais anos de estudos que os demais nos dois anos.

Contrariando a literatura clássica sobre escolaridade entre migrantes e não migrantes,

Os primeiros não são, em média, mais aptos que não migrantes, principalmente quando se analisa a porcentagem do ensino superior (Tabela 4), porém migrantes superam os não migrantes no ensino fundamental e ensino médio completo.

Relacionando os dados de escolaridade da Tabela 4 com os da média da renda per capita apresentados na Tabela 1, pode-se trabalhar com a ideia de Becker (1993), onde é utilizada a Teoria do Capital Humano para afirmar que a adaptação dos migrantes em seu

destino sofre influência das decisões que tomam. Havendo perspectivas de aumento de ganhos, os migrantes procurariam investir mais em educação a fim de aumentar o capital. Porém os indivíduos que migraram para o Centro Oeste não teriam realizado tal investimento, de forma que ao chegar ao lugar de destino, eles receberiam menos por não terem melhores níveis de instrução.

**Tabela 4 - Maior nível de instrução completo de migrantes de acordo com Região de Origem**

		<b>Norte</b>	<b>Nordeste</b>	<b>Sudeste</b>	<b>Sul</b>
<b>1995</b>	Sem instrução/Fundamental Incompleto	22,22%	17,14%	22,85%	16,66%
	Fundamental completo	55,55%	40%	37,14%	61,11%
	Médio completo	22,22%	17,14%	31,42%	16,66%
	Superior Completo	0,00%	2,85%	2,85%	0,00%
	Média de anos de estudo	7,05	5,47	6,24	6,62
<b>2015</b>	Sem instrução/Fundamental Incompleto	26,08%	46,91%	45,91%	11,76%
	Fundamental completo	39,13%	27,16%	5,71%	41,17%
	Médio completo	30,43%	24,69%	45,71%	11,76%
	Superior Completo	4,34%	0,01%	2,85%	5,88%
	Média de anos de estudo	10,05	8,73	9,56	9,45

**Fonte:** Elaborado com base nos dados das PNAD's 1995 e 2015

A Tabela 5 apresenta a distribuição dos migrantes por setores de atividades. Um fator interessante foi a redução da participação dos migrantes no setor agrícola quando comparado os anos de 1995 e 2015. Outro ponto foi o avanço da Construção Civil, reflexo do aumento da atividade econômica da região.

**Tabela 5 - Distribuição entre os setores de migrantes e não migrantes**

<b>Ano</b>	<b>Categoria</b>	<b>Setor1</b>	<b>Setor2</b>	<b>Setor3</b>	<b>Setor4</b>	<b>Setor5</b>	<b>Setor6</b>
<b>1995</b>	Migrante	15,46%	8,24%	7,21%	53,60%	4,12%	11,34%
	NãoMigrante	18,18%	15,59%	12,03%	40,66%	6,75%	6,76%
<b>2015</b>	Migrante	15,38%	14,10%	21,15%	42,94%	3,20%	3,20%
	NãoMigrante	9,94%	14,95%	15,74%	46,28%	7,79%	5,26%

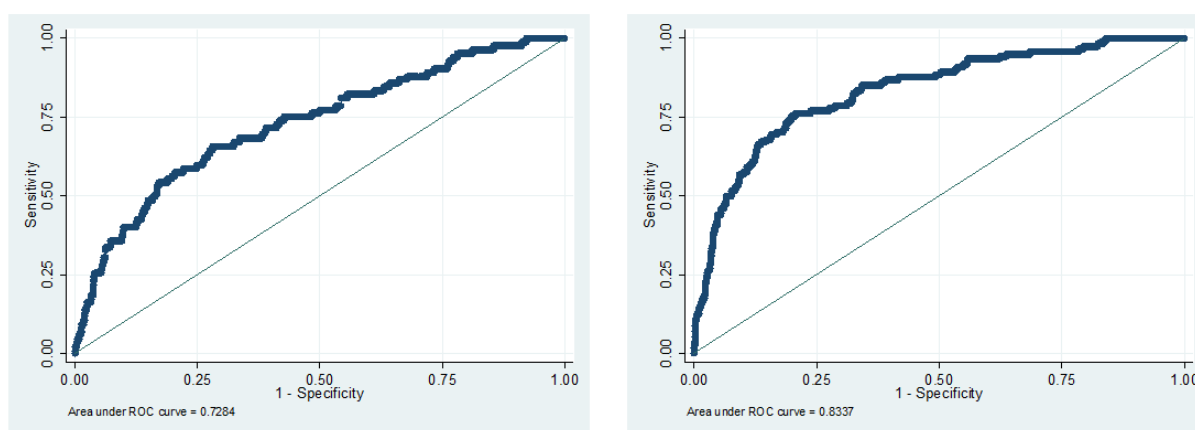
**Nota:** Setor1-Agrícola; Setor2-Industrial; Setor3 – Construção; Setor4 – Comércio e Serviços; Setor5 – Transporte e outros; Setor6 – Administração Pública.

**Fonte:** Elaborado com base nos dados das PNADs 1995 e 2015.

Pode-se dizer que os indivíduos que migram para o Centro Oeste são pessoas, em sua maioria, de baixa e média escolaridade, que encontram lugar nos setores (Tabela 5) Agrícola, de Construção e de Comércio e Serviços por não demandarem mão de obra qualificada.

Para analisar a capacidade de o modelo explicar os determinantes da migração para Centro Oeste, especificado pela equação (1), utilizou-se a Curva de Roc, apresentado na Figura 1, avaliando a especificidade e sensibilidade dos modelos com a finalidade de verificar suas capacidades preditivas e seus ajustes. Para 1995, a área abaixo da Curva apresentou um valor de 0,7284, indicando um poder discriminatório bom. Já para 2015, a Curva Roc apresentou um valor de 0,8337, o que indica um poder discriminatório excelente. Logo, para os dois anos, os modelos apresentam bom ajustamento e boa previsibilidade.

**Figura 1:** Curvas ROC estimadas para os anos de 1995 e 2015, para os modelos que explicam o fluxo de migrantes para o CO brasileiros.



Curva ROC para o ano de 1995

Curva ROC para o ano de 2015

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Valendo-se dos modelos Logit estimados para o ano de 1995 e 2015, são apresentados, na Tabela 6, os efeitos marginais para as variáveis contínuas do modelo. A variável idade possui uma correlação negativa para os dois anos, provando que o aumento da idade diminui as probabilidades de migração do indivíduo. De acordo com Oliveira e Januzzi (2005), os jovens são mais sensíveis às ofertas de trabalho, mais adaptáveis a novas situações e mais desprendidos em deixar seu ambiente de origem.

**Tabela 6** - Efeitos Marginais a partir do modelo desenvolvido para explicar o fluxo de migração para o Centro Oeste nos anos 1995 e 2015

Variáveis	1995	2015
-----------	------	------

<b>Idade</b>	-0,0003*** (0,0001)	-0,0014*** (0,0001)
<b>Diferencial Renda</b>	0,0000 (0,0001)	0,0001*** (0,0000)

\*\*\* Significativo a 1%; \*\* Significativo a 5%; \* Significativo a 10%;

Obs: Desvio-padrão entre parênteses;

Fonte: Resultados com base nos dados da PNADs de 1995 e 2015.

O diferencial de renda se apresenta significativa apenas para o ano de 2015. Uma possível explicação seria o fato de que, a partir da década de 80, a migração não estaria associada necessariamente à melhoria das condições de vida. A migração teria passado a representar uma alternativa exclusiva para a sobrevivência dos migrantes (Brito (2009) apud Biagioni, 2012). Dito isso, o migrante que tinha como destino o Centro Oeste em 1995 não buscava melhorar sua renda, mas sim uma oportunidade de emprego que garantisse sua sobrevivência. Essa situação se altera para o século XXI, onde o migrante busca não só uma oportunidade de emprego, como também uma oportunidade de aumentar sua renda e melhorar de vida.

Para avaliar as variáveis *dummies* do modelo, foi utilizada a Razão de Chances, apresentada na Tabela 7 a seguir. Apesar da grande porcentagem de migrantes do sexo masculino, o indivíduo ser do sexo masculino não apresentou uma relação estatisticamente significativa com a migração, o mesmo ocorrendo com a variável cor. Logo, como Sachsida (2009) já havia concluído, cor e gênero não parecem ser fatores decisivos para migrar.

**Tabela 7** - Razão de Chances para os anos de 1995 e 2015, estimadas a partir dos modelos que explicam a probabilidade da pessoa de referência migrar para a região Centro-Oeste do Brasil.

<b>Variáveis</b>	<b>Ano=1995</b>	<b>Ano=2015</b>
<b>Gênero</b>	1,5654 (0,6254)	1,2672 (0,2836)
<b>Cor</b>	0,9231 (0,2143)	0,7983 (0,1707)
<b>Ensino Fundamental</b>	1,5521 (0,5836)	0,6967 (0,1648)
<b>Ensino Médio</b>	2,2340** (0,8023)	0,5376*** (0,1241)
<b>Ensino Superior</b>	0,6834 (0,5465)	0,5586 (0,2569)
<b>Estado Civil</b>	0,4888** (0,1609)	0,9951 (0,2945)

<b>Família com criança</b>	0,8346 (0,2275)	0,7099* (0,1350)
<b>Situação Censitária</b>	0,8417 (0,2559)	0,6665 (0,0011)

\*\*\* Significativo a 1%; \*\* Significativo a 5%; \* Significativo a 10%

Obs: Desvio-padrão entre parênteses.

Fonte: Resultados com base nos dados da PNADs de 1995 e 2015.

Em relação à categoria base sem instrução, apenas o ensino médio se mostrou estatisticamente significativo para afetar as chances de migração para o CO. No entanto, observa-se uma redução significativa da capacidade de atrair migrantes com ensino médio. Em 1995, pessoas de referência com ensino médio tinham duas vezes mais chances de migrar para o Centro Oeste quando comparados aos demais níveis de ensino. Em 2015, ter ensino médio aumentava as chances de migração para o CO em, aproximadamente, 53% se comparado com pessoas de outros níveis de escolaridade.

Relacionando estes resultados aos resultados encontrados na análise descritiva, os setores que mais absorvem mão de obra migrante são os setores de comércio e serviços, o agrícola e o de construção, que não demandam mão de obra especializada. Segundo Paulino-Santos et al (2018), indivíduos com maiores níveis de instrução e que buscam empregos mais especializados ainda tendem a migrar para regiões mais desenvolvidas, como o Sudeste e Sul.

Para o ano de 1995, o indivíduo ser casado diminuiu suas chances de migrar em 48,35%, comparado ao solteiro. Em 2015, esse é um fator que já não impactou nas chances de as pessoas migrarem para o Centro-Oeste. Com relação à pessoa de referência possuir uma criança menor de 14 anos, verificou-se que esse fator diminui suas chances de migrar em 29,30% em comparação à pessoa que não tinha filhos menores. Para Leslie e Richardson (1961), isso estaria relacionado ao fato de que famílias maiores têm gastos mais elevados para migrar, o que dificultaria o processo de migração.

Em 1995, as famílias possuíam mais membros e os casados, em geral, possuíam filhos. Já em 2015, há uma inversão dessa situação, onde as taxas de casamento diminuíram, assim como o número de membros por família, com isso ter uma criança na família impactaria na decisão da migração.

## CONCLUSÃO

Considerando as mudanças ocorridas na sociedade e na economia brasileira desde a estabilização monetária e a década de 2010, o trabalho teve como objetivo definir os principais fatores capazes de influenciar a migração para o Centro Oeste brasileiro nos anos



de 1995 e 2015. Sendo assim, buscou-se definir as probabilidades de pessoas de referência em suas famílias migrarem para o Centro Oeste do Brasil.

De maneira geral, foi possível concluir que, entre os anos de 1995 e 2015, os migrantes que tinham como destino o Centro Oeste brasileiro não apresentaram características muito distintas. As pequenas alterações nas variáveis como sexo, estado civil e filhos ocorreram por mudanças sociais que transcorreram ao longo desses anos.

Traçando um perfil do indivíduo que migrou para o Centro Oeste, em 1995, este era do sexo masculino, possuía em média 34 anos, sendo mais jovem que o indivíduo que não migrava, possuía menor escolaridade e recebia menos que o não migrante, e a maior parte trabalhava no setor de Comércio e Serviço e no setor Agrícola. Em 2015, esse perfil não se alterou muito. Apesar do gênero não ser um fator determinante, indivíduos do sexo masculino ainda são a maioria, são mais jovens que os não migrantes, em geral, possuem ensino fundamental/médio, trabalham no setor de Comércio e Serviços e no setor Agrícola, possuem renda per capita inferior e migram devido a diferença de renda entre a região de destino e a região de origem.

Finalizando, a migração para o Centro Oeste poderia se diferenciar nos dois anos com relação a motivação para tal movimento. Em 1995, o indivíduo migrava para encontrar um emprego para sua subsistência, enquanto para 2015 o principal objetivo do indivíduo era conseguir um emprego que aumentasse seus rendimentos.

## **Bibliografia**

BASKER, E. **Education, Job Search and Migration**. University of Missouri-Columbia Working Paper No. 02-16. 2002.

BECKER, Gary S. **Human capital: A theoretical and empirical analysis, with special reference to education**. University of Chicago press, 2009.

BIAGIONI, Daniel. **Mobilidade social e migração interna no Brasil**. Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro. Realizado pelo Centro de Estudos das Metrópoles(CEM/CEBRAP). Acedido em, v. 20, n. 10, 2012.

BOUND, John; HOLZER, Harry J. **Demand shifts, population adjustments, and labor market outcomes during the 1980s**. Journal of labor Economics, v. 18, n. 1, p. 20-54, 2000.

CARVALHO, Hugo Emanuel Fávoro de et al. **Migração, uma análise probit pra o Brasil**. Dissertação submetida à Universidade Católica de Brasília, Brasília, Brasil, 2010.

DE QUEIROZ, Silvana Nunes; DOS SANTOS, José Márcio. **Saldos migratórios: uma análise por estados e regiões do Brasil (1986-2006)**. Revista Econômica do Nordeste, v. 42, n. 2, p. 309-332, 2011.

DOS SANTOS, Mauro Augusto et al. Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. **Texto para discussão**, v. 1, n. 138, p. 1, 2010.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE P. **Métodos Quantitativos com Stata**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GAMA, Luiz Carlos Day; MACHADO, Ana Flávia. **Migração e rendimentos no Brasil: análise dos fatores associados no período intercensitário 2000-2010**. Estudos avançados, v. 28, n. 81, p. 155-174, 2014.

GOLGHER, André Braz et al. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004

GOLGHER, André Braz et al. **Diagnóstico do processo migratório no Brasil 1: comparação entre não-migrantes e migrantes**. UFMG/Cedeplar, fev. 2006b (Texto para Discussão, n. 282), 2006.

HARRIS, John R.; TODARO, Michael P. **Migration, unemployment and development: a two-sector analysis**. The American economic review, v. 60, n. 1, p. 126-142, 1970.

HOFFMANN, Rodolfo; NEY, Marlon Gomes. **A recente queda da desigualdade de renda no Brasil: análise de dados da PNAD, do Censo Demográfico e das Contas Nacionais**. Econômica, v. 10, n. 1, p. 7-39, 2008.

IBGE. **Contas Regionais do Brasil 2010-2014**. Rio de Janeiro, 2011.

IBGE. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=4&uf=00>. Acesso em: 28 de outubro de 2017.

IBGE. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=6&op=0&vcodigo=FED307>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

IPEA. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <http://ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em: 02 de outubro de 2020.

JUSTO, Wellington Ribeiro; SILVEIRA NETO, Raul da Mota. **Quem são e para onde vão os migrantes no Brasil? O perfil do migrante interno brasileiro**. XXXVI Encontro Nacional de Economia, 2008.

LEE, Everett S. **A theory of migration**. Demography, v. 3, n. 1, p. 47-57, 1966.

LESLIE, Gerald R.; RICHARDSON, Arthur H. **Life-cycle, career pattern, and the decision to move**. American Sociological Review, p. 894-902, 1961.

LISBOA, Severina Sarah. **Os fatores determinantes dos novos movimentos migratórios.** Revista Ponto de Vista, Viçosa, v. 5, n. 1, p. 83-96, 2008.

MONTEIRO NETO, Aristides; GOMES, Gustavo Maia. **Quatro décadas de crescimento econômico no Centro-Oeste brasileiro: recursos públicos em ação.** Texto para discussão nº 712, Brasília, 2000.

NUNES, Erivelton de Souza; SILVA, João Gomes da; QUEIROZ, Silvana Nunes de. **Migração inter-regional no Brasil: o que há de novo?.** RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico, v. 2, n. 37, São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de; OLIVEIRA, Antonio Tadeu Ribeiro de. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino.** São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005.

PATARRA, Neide Lopes. **Movimentos migratórios no Brasil: tempos e espaços.** Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, p. 1-50, 2003.

PAULINO-SANTOS, Fransuellen et al. Os determinantes da migração no Brasil: uma análise Probit para os anos de 2004, 2009 e 2014. **Economía, sociedad y territorio**, v. 18, n. 56, p. 107-139, 2018.

PINHEIRO, Luana et al. **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** – 3. ed. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, 2009.

RAVENSTEIN, E. G. **The Laws of Migration/Journal of the Statistical Society of London.** V. 48, No. 2, p. 167-235. Londres, 1885.

SACHSIDA, Adolfo et al. **Perfil do migrante brasileiro.** Texto para Discussão, 1410, Ipea, Rio de Janeiro, Brasil, 2009.

SANTOS, Mauro Augusto et al. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias.** Texto para discussão, v. 1, n. 138, p. 1. Belo Horizonte, 2010.

SANTOS JUNIOR, Enestor da Rosa dos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti; MENEZES FILHO, Naércio Aquino. **Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil.** Ipea, Brasília, Brasil, 2003.

SJAASTAD, Larry A. **The costs and returns of human migration.** Journal of political Economy, v. 70, n. 5, Part 2, p. 80-93, 1962.

STARK, Oded; BLOOM, David E. **The new economics of labor migration.** The American Economic Review, v. 75, n. 2, p. 173-178, 1985.

STARK, Oded; TAYLOR, J. Edward. **Relative deprivation and international migration oded stark.** Demography, v. 26, n. 1, p. 1-14, 1989.

*Artigo recebido em 16/04/2020*

*Aprovado em 31/10/2020*

Como citar esse artigo:

CASSUCE, Francisco Carlos da Cunha; PINTO, Vinicius de Oliveira; CAMPOS, Júlia Mendes. Características e determinantes da migração para o Centro Oeste brasileiro nos anos de 1995 e 2015. **Revista de Economia da UEG**. Vol. 16, N.º 2, jul/dez. 2020.